

# DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO

DE

Angelo Agostini.

109 Rua Ouvidor - Rio-Janeiro



— Era só o que faltava !!!

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre ....	14\$000	Semestre ....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

## DON QUIXOTE

RIO, 18 DE JANEIRO DE 1895.

## MANIFESTO MONARCHISTA

Foi o acontecimento capital da semana e atrahiu forçosamente a attenção do paiz o manifesto «A' nação brasileira», que ha dias publicaram os Srs. visconde de Ouro-Preto, conselheiro João Alfredo, D. de Andrade Figueira, Carlos Affonso e Lafayette Rodrigues Pereira.

Os nomes illustres d'estes antigos estadistas do Imperio, alguns d'elles aureolados por uma vida publica cheia de serviços á Patria, bastariam para dar a esse documento politico o alto valor que ninguem pretende recusar-lhe. O assumpto d'elle, porém, vale ainda mais do que os nomes, por isso mesmo que se trata do bem da Patria e dos destinos do Brasil.

O manifesto correspondeu a expectativa dos monarchistas? Representa por ventura um acto de patriotismo de bons brasileiros?

Nem uma, nem outra cousa.

O documento politico dos cinco chefes, si é certo que não poupa os desmandos do governo republicano nem as desgraças que nos sobrevieram com a nova ordem de cousas, é todavia nebuloso quanto aos fins do partido monarchista e deixa no vago os meios de que conta elle servir-se para realizar os seu intuitos.

Depois de cinco annos de meditação, era licito esperar qualquer cousa de mais incisivo e mais claro. Será porque os elementos heterogeneos e quasi antagonicos, de que actualmente se compõe esse directorio, não chegaram ainda ao perfeito accordo?

O que é certo é que a leitura do ensombrado *Manifesto* não pôde satisfazer a maioria dos soffregos adeptos da restauração monarchica.

Esse documento finalmente não é patriótico, porque na melhor das hypothses para os seus signatarios, elle só poderia trazer uma victoria ephemera seguida de tremendos desastres para a integri-

dade da Patria e para o bem estardo povo brasileiro.

O partido monarchista pretende não só criticar os actos do governo republicano e contribuir com as luzes e a experiencia dos seus velhos estadistas para melhorar a administração e as leis, como visa mais longe: segundo a declaração supplementar e categorica, que fizeram os mesmos chefes em uma carta de adhesão ao centro restaurador de S. Paulo, o partido trabalha pelo restabelecimento da monarchia parlamentar.

Ora a tentativa da restauração seria uma nova calamidade a accrescentar-se a todos os males que já nos produziu a insensatez ou a perversidade dos noviços que tomaram conta d'este grande paiz depois de 15 de Novembro de 1889.

O partido republicano, que era uma fracção minima ao lado de Benjamin Constant ha cinco annos passados, avolumou-se, fortaleceu-se com o grande contingente das gerações novas e com toda a massa dos homens sisudos, honestos e patriotas que convencidamente se puzeram ao serviço das novas instituições por amor da Patria. Si n'esse partido ha hoje descontentes não ha arrependidos. Ha muitos que querem uma Republica melhor; não ha quem deseje retroceder vergonhosamente ao regimen decahido e já incompativel com as tradições americanas.

A autonomia adquirida pelos Estados, o progresso real que muitos d'elles conquistaram á sombra da bandeira republicana, é outro obstaculo insuperavel á realizaçã do sonho sebastianista.

Junte-se a estes factores poderosos a absoluta falta de sympathia que deixou no Brasil a actual herdeira do honrado Imperador, e teremos em ligeiro esboço salientado a impossibilidade de realizar-se o voto da restauração.

*É tarde, é muito tarde!* não ha meio de transformar-se em carro de triumpho a pyra em que arderam os olhos da monarchia, — poder-se-hia dizer parodiando a phrase do grande orador franciscano.

Em taes circumstancias, o *Manifesto* constitue-se um facho incendiario, que só pôde atear paixões e gerar desordens. Consequentemente carece de patriotismo. Não é de bons brasileiros perturbar a paz e romper a harmonia, de que precisa o paiz para cicatrizar as feridas do passado e caminhar avante na conquista de um grande futuro.

A Republica é um facto; não a substituíamos pela anarchia.

*Isto é conversa, com os nossos assignantes, mas não conversa fiada; é muito séria. Aquelles dos nossos amigos que até ao fim do mez não tiverem reformado as suas assignaturas, passarão pelo negro dissabor de verem suspensa a remessa do desopilanie D. Quixote.*

## Dr. Colombo Leoni

O nome que encima estas linhas pertenceu a um homem cuja perda o Brasil não pôde bem avaliar... Que importa a grita insensata do jacobinismo nativista? Que faz a objurgatoria doentia de meia duzia de desequilibrados que mal sabem dizer o motivo de sua ogeriza contra os estrangeiros que vêm expontaneamente colaborar na reconstrucção desta patria, que adoptaram por sua, e auxiliar-nos no intuito de provel-a de remedio contra os males que lhe inculou a desabrida dictadura, que por uma projecção nefasta ainda nos infelicitava?

Repetimos: é para o Brasil uma enorme perda a morte de Colombo Leoni!

Seria preciso conhecê-lo, vel-o no campo de combate, expedito, corajoso e firme, ou na tenda das industrias, sereno, multiplice, subdividido, intelligente e ordeiro, para bem avaliar as suas qualidades raras, as suas variadas aptidões, o desdobramento extraordinario de sua personalidade, a actividade prodigiosa emprestada a tudo de que se encarregava, e, sobretudo, isto: — o desinteresse não estudado, a generosidade superior e o seu apego, a sua devotação ao Brasil, que elle amava como o melhor dos brasileiros!

Seria necessario admirar-o no campo da pejeja, onde sagrou-se heróe, e depois aprender a respeitar o grande talento organisador e a laboriosidade pasmosa do homem que na Exposição Industrial constituiu-se o braço direito da benemerita commissão que levou a effeito esse brilhante attestado do nosso progresso e do nosso adiantamento.

Tivemos ensejo de conhecê-lo e de apreciar os seus elevados dotes de homem de espirito superior e de character a toda a prova. O seu valor é attestado por aquelles que o viram impavido commandar a legião garibaldina, ao lado de Gumercindo Saraiva; e, logo depois, por aquelles que o tiveram como o seu mais apreciavel auxiliar na Exposição Industrial, secundando os esforços de Victorino Pereira.

Jornalista elegante, sensato e criterioso, cavalheiro em toda a extensão do vocabulo, possuindo em alto grão o nobre sentimento da affectividade, revelado pelo santo amor que consagrava á familia, pela leal cooperação ás causas justas, pela dedicação aos eleitos da sua estima rara e valiosa, Colombo deixa sua esposa e filhinha em extrema miseria...

E' a partilha dos bons, dos que esquecem o interesse proprio para consagrar-se ao bem commum.

Felizmente nossos collegas do *Jornal do Commercio* tiveram a generosa idéa de abrir uma subscrição em favor das duas sobrevi-

ventes, que occupavam grande espaço no coração do nobre morto: nós do *D. Quixote* daqui levantamos um appello ao publico, para que acuda á idéa do *Jornal* e ampare-a, solvendo em parte a divida em que ficámos para com o emerito trabalhador que estremecia o Brasil como se n'elle houvera nascido.

Merece-o e muito, a esposa do grande lida-dor, que foi uma heroína, seguindo-o em toda a penosa campanha contra o dictador do Rio Grande do Sul, e acompanhando-o n'aquella famosa retirada das tropas de Gumerindo, do Paraná para as fronteiras do Prata, com grande relevo descripta pelo proprio Leoni.

E sobre o tumulo do bom, do querido amigo —um punhado de flôres e nossas immorredou-ras saudades.

Honrando a memoria do Dr. Colombo Leoni, o *D. Quixote* consagra-lhe uma de suas paginas, inserindo nella o retrato do valente e es-forçado luctador.

## A SEMANA

Grande successo! Um caso estranho!  
Gemeu a imprensa! *Ella* tremeu!  
Ella—a Republica—n'um banho,  
(Mas de prudencia) se metteu...  
E' que surgiu, de entre o rebanho,  
O manifesto dos graúdos,  
Ai! como vêm... São manteúdos,  
Mansos, cordatos, Pai do Céu!

De muito tempo era esperado  
Tal documento. E o mundo o viu  
Entré risonho e admirado,  
Pois espantou-se,— mas sorriu!  
Tanto barulho antecipado,  
Tantos os ais da monarchia...  
Parturiente, ella gemia:  
—E um ratinho alfim pariu!

Dentro do barco-manifesto  
Cinco durões; e não virou  
Ao peso tal! E alegre, mesto,  
Ao povo todo deleitou.  
Vêm discutir; mas quanto ao resto,  
Nem propaganda e nem mais nada;  
Uma agua morna, assucarada...  
Por tal tirada eu nada dou!

No meio d'elles, Lafayette  
Faz mais figura... um figurão!  
Pintou, no imperio, o padre o sete;  
Tinha á Republica affeição.  
Foi mesmo chefe, e quasi mette  
A monarchia n'um chinello...  
Hoje só diz a quem vai vel-o:  
«—*Puede* que sim, *puede* que não!»

\* \* \*

Os bons castilhistas  
Positivistas  
Continuam na degola.  
Se têm ás vistas  
Federalistas,  
Gritam logo: «Mata! Esfola!»

Que gente mansa!  
Como ella dança  
A walsa da paz fraterna!  
O céo alcança  
Se mais avança;  
—A nós todos passa a perna!

Foi para isto que fizemos  
Grandes festejos, que applaudimos  
Essa cousa, chamada a Paz?!»

(Pois ao bom Deus as graças demos,  
Porque inda vivos nos sentimos...  
Emfim, o Julio é bom rapaz..!)

\* \* \*

Quando no dia 15 de Novembro  
Tudo mudou-se na brasilia terra,  
Era Firmino Pires—bem me lembro!—  
O director do Arsenal de Guerra.

E tambem era coronel: e creio,  
Dos monarchistas o mais emperrado,  
Tanto que quasi não tiveram meio  
Dê convencil-o a vir para o outro lado.

Mandou trancar a sete chaves tudo;  
Disse que nada dava a desordeiros...  
(Assim chamava então, o cabeçudo,  
Os patriotas serios, verdadeiros!)

Foi trabalhinho fino, e forte, e fero,  
Vencer do bicho a dura resistencia:  
Imperialista de calor, sincero,  
Tornou notada a sua intransigencia.

Depois... depois, viu quanto andára errado,  
Ser bom republicano descobriu;  
E logo, logo, veio deputado,  
Foi senador e general. Subiu.

Subiu!—Legisla, faz discursos muitos,  
E tem de glorias alto pedestal!  
Mas não lhe basta, para os seus intuitos:  
—Vai dirigir de novo o Arsenal!...

Hoje, eil-o ahí: seu posto antigo alcança,  
E' sua a vacca, lépida, de lei...

.....  
Que é vacca, é. Agora se ella é mansa  
Ou brava é justamente o que eu não sei!

F. MENDES.

*Uma noticia triste, mas perfeita-mente remediavel: áquelles dos nos-sos assignantes que até ao fim do mez não mandarem reformar suas assi-gnaturas, faremos suspender a remessa do D. Quixote—ainda que com gran-de peso na alma.*

## LIVROS

Recebemos  
*Notas de um reporter*, por Ernesto Senna.  
Um livro interessante, que tem sido recebido, e com justiça, com grande carinho, por toda a nossa imprensa. O activo reporter, que se tripli-

ca em escriptor, coronel da milicia civica e agen-ciador de excellentes noticias, teve a boa idéa de, documentando o seu talento, pelos artigos criteriosos, descriptivos dos nossos principaes estabelecimentos, ajuntar ao seu volume um curiosissimo repositorio de anedotas de alguns dos nossos homens mais conhecidos no meio politico, na imprensa, na litteratura, nas sciencias, constituindo assim, em dois rapidos traços, perfis completos de taes individualidades. O que quer dizer que E. Senna sae da bitola commum, estreita, em que entre nós exercem seu mister os reporters, que na maioria se limitam a ir buscar a noticia, copial-a e dal-a seccamente á composição. Este, não; por onde passou, viu, examinou, criticou, formou seguro criterio e guardou consigo o resultado de sua observa-ção fina, para depois enfeixal-o em volume no qual expoz ao vivo os grandes homeñs que sur-preendeu em mangas de camisa, e com verda-de muitos factos que na epocha não tiveram explicação satisfactoria, porque conveniencias de momento exigiam que se os deixasse em proposi-tal obscuridade.

A'parte descuidos de fórma, o livro de E. Senna merece profalças. Só em um ponto foi-lhe infiel a deusa Clio, a que preside á historia, se acaso não foi a que preside á memoria, essa pira-centa Mnemosina, que deve ter no Senna um fervoroso cultor: foi quando elle fez Ben-jamim Constant dizer a Deodoro, a 5 de novem-bro, aconselhando-o paternalmente, que « como presidente eleito, respeitasse cegamente a Consti-tuição, que bem a estudasse e até a decorasse.»

Devemos lembrar-nos que depois de votada a Constituição e de eleito Deodoro, tudo em fe-vereiro, o 5 de novembro seguinte já marcava 48 horas do golpe tremendo contra ella vibrado, a 3 do mesmo mez, *regnante Lucena*. Benja-mim *non erat*, e seu conselho em tal dia houve-ra chegado tarde.

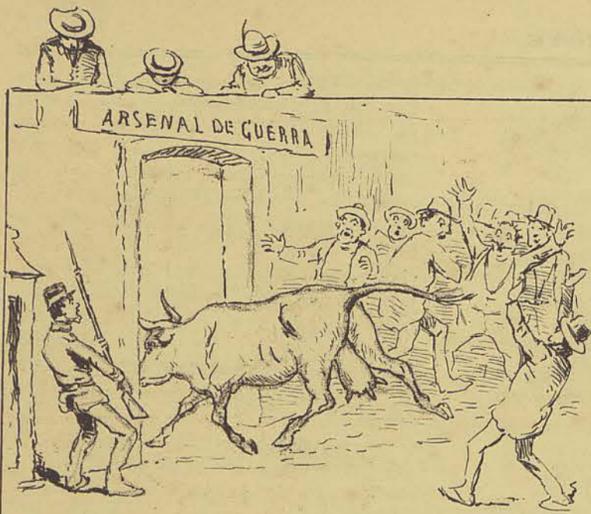
E' pequeno engano, que em nada enfeia a curiosa e originalissima publicação de Ernesto Senna.

*Os Portuguezes no Brasil*, brochura de mais de duzentas paginas de A. F. Bandeira Junior.

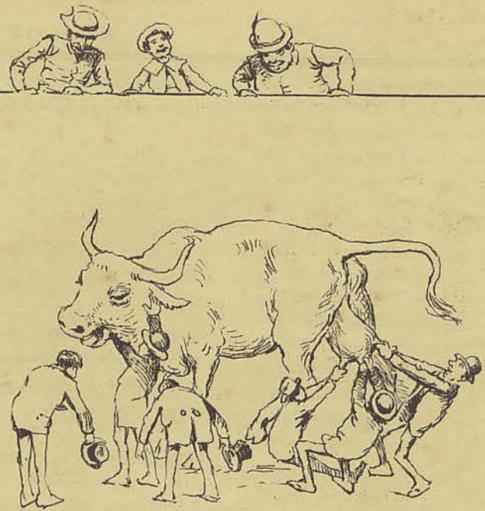
Já conhecido em nossa imprensa, por mui-tos trabalhos assignados pelo pseudonymo de *Flag Junior*, o auctor d'este opusculo realizou uma obra meritoria vindo enfrentar com a grita descompassada dos que, sem motivo nem justi-ça, atacam o elemento estrangeiro e aggridem particularmente o portuguez, a que aliás nós devemos a maior parte de collaboração na consti-tuição de nossa nacionalidade.

N'esse livrinho que é tambem um ligeiro repositorio de apanhados historicos, encon-tram-se os nomes dos portuguezes que têm prestado reaes serviços ao Brasil e os seus actos de benemerencia; breves noticias sobre as associações de beneficencia, de soccorros mutuos, e litterarias, formadas por nossos irmãos de além-mar, e bem assim sobre os edificios construidos por elles em nossa capital.

E' emfim, um livro cujo contexto ampara-se em duas forças vivas e invenciveis:—justiça e verdade.



96 — Que vacca é aquella?  
 D.Q. — Mystérios da alta politica...  
 S.P. — E dizem que é uma vacca brava!



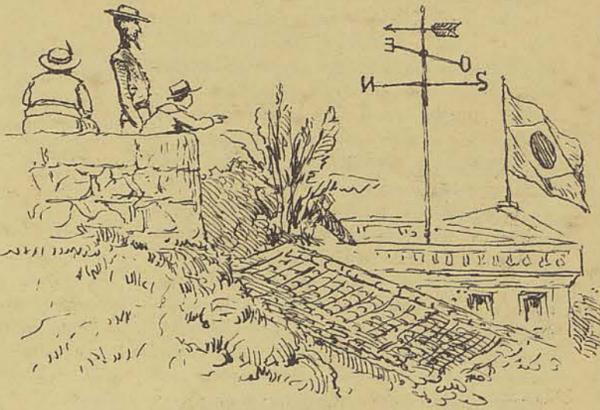
96 — Qual brava! Ha tanta gente que a sauda...  
 D.Q. — Aduladores nunca faltam.  
 S.P. — E pornecedores ainda menos. Não tardarão a agarrar-se a... ella.



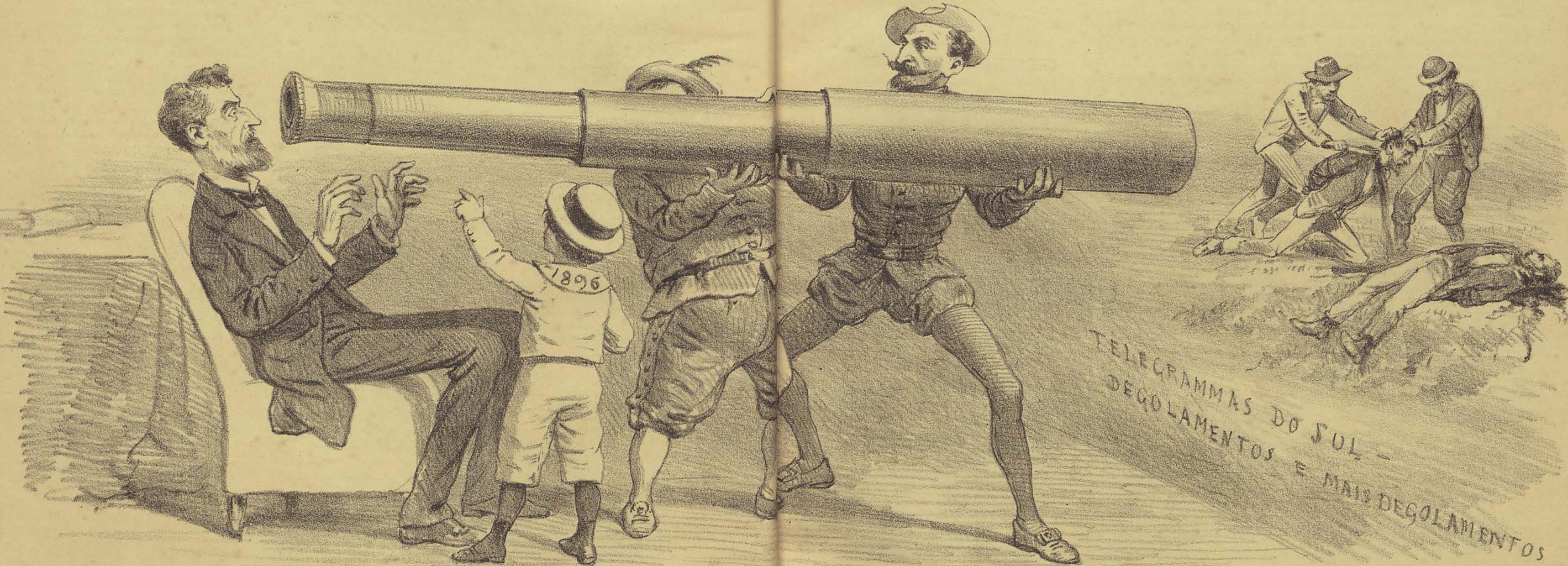
D.Q. — Consta que um d'elles, que se arria, vae lhe offerecer uma de canhão de um novo modelo de la culatra. bom proveito.  
 S.P. — Que lha



96 — Que diabo de pastel é aquelle que se mexe no horizonte politico?  
 D.Q. — Aquillo é uma prova de que já não ha juizo, onde se suppunha haver!



96 — É aquelle catavento por cima do Itamaraty?  
 D.Q. — É o symbolo da actual orientação politica de quem nos governa.



D. Quixote. — Assim como em Agosto do anno passado, aqui e' a tal paz do Sul. — 96 — Mas assim, elle fica vendo-a por assim mesmo.  
 S.P. — offerecer a V. Ex.<sup>a</sup> um bom oculo. Desta vez é para ver o que oculo! — Sancho Pansa. — Ora!... já deve estar resignado a ver-a

*Sonho no Carcere*, publicado pelo Sr. Dr. Athanagildo Barata Ribeiro.

Uma das victimas da Legalidade, tendo sido encarcerado na Casa de Detenção, onde padeceu durante longos mezes as maiores attribuições e os mais rigorosos dissabores, o Sr. Barata Ribeiro verteu para as paginas do seu livro, em fórma de poema, o protesto vindicativo da sua liberdade cerceada e de sua individualidade punida por crime que não commetteu.

O seu *Sonho*, terrível pesadello, povoado de scenas horrorosas, não é como a primeira vista parece dizer o titulo do livro, o resultado de uma illusão do espirito ou creação imaginaria de uma mente escaldada... Não, infelizmente. É um libello provado, contra os detentores do poder que ensanguentaram a patria, exerceram as maiores barbaridades contra seus irmãos, e desserviram á Republica fraudando-a em sua honra e manchando-lhe as vestes alvas.

É infelizmente a historia negra d'esse periodo de horrores, a narração fiel, pavorosamente impressionista de todos os actos da tyrannia que nos assoberbou e que deixou após si um largo rastro de sangue, grande parte do paiz coberta de lucto, e todo elle de vergonha.

Ha ahí uma relação quasi completa dos nomes dos algozes e dos de suas victimas... A gente percorre as paginas d'esse livro, sente-se transida de horror ante a exposição de tão cruas barbaridades e pergunta muito naturalmente: — e ainda ha quem justifique, quem endeose a Legalidade Negra?

Pois ha — por desgraça nossa!

F.

## BELLAS ARTES

O ex-pensionista do Estado. Oscar Pereira da Silva, que chegou ultimamente da Europa, onde fora estudar durante cinco annos a difficil arte de pintura, expóz n'uma das salas da nossa Escola de Bellas Artes grande numero de trabalhos seus, que denotam real progresso, collocando-o desde já entre nós, como artista de merito incontestavel.

Sentimos a melhor impressão ao ver esses seus trabalhos que denotam estudo acurado, tanto nos seus quadros originaes, como nos desenhos ou nas copias.

Entre estas notamos a da excommunhão de *Roberto le piveux*, de Paul Lauret, perfeitamente igual ao original.

O seu quadro a *Infancia de Giotto*, representando o joven pastor desenhando suas cabras, é um grande passo na arte moderna não só pela interpretação como pela largueza da execução.

Limitamo-nos a citar estes dois trabalhos, embora haja outros merecedores de todo louvor, e damos os parabens ao joven artista pela sua bella exposição, fazendo votos para que os amadores de boa pintura o animem comprando-lhe os seus trabalhos.

*Pois, como iamoz dizendo, será suspensa a remessa do D. Quixote aos nossos amigos que até fins do mez fluente não houverem reformado suas assignaturas. Nem é que não depositemos a maior confiança em nossos amaveis assignantes: — é que, infelizmente, os jornaes não podem viver só da « confiança », mas de cousa mais pratica e sobretudo mais palpavel.*

## NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109, assignaturas 25\$ por anno para a capital, 30\$ para os Estados) continúa a passar sem novidade em sua importante saude.

Quando mal—nunca maleitas.

Telegrammas ultimos de Massouah annunciam que em um dos derradeiros ataques dos abyssinios á praça forte de Makallé (onde é?) succumbiram os ras Mangascia e Atchim.

Este ultimo, ao certo morreu espirrando. E n'aquelle momento solemne não se pôde ter dado entre os dous formidaveis ras o conhecido dialogo:

—Atchim!

—Viva!

Na Estrada Central do Brasil continuam os trens nocturnos de suburbios a sahir com uma e duas horas de atrazo, da Estação do Campo.

Os passageiros suburbanos já estão resignados á nova organização e apenas se passam da plata-fórma para os wagons, põem-se a dormir. Sómente elles esperam que a administração da estrada, que tão paternalmente lhes administra uns tantos descarrillamentos e outros tantos choques de trens, de vez em quando, tambem previdentemente lhes forneça — colchões e travesseiros, de vez em sempre.

Com isso elles poderão passar bem as tres horas gastas em ir do Campo ao Engenho Novo.

Ainda não está de todo nomeado o Dr. Fernando Lobo, senador federal pelo Estado de Minas Geraes.

Continua o processo de nomeação, por antonomasia eleitoral, sendo apenas conhecidos os resultados parciais de alguns collegios nomeadores.

Em todo caso a nomeação é certa, e brevemente já tendo S. Ex. logar no Senado ao lado do Sr. João da Secca do Ceará, poder-se-ha levar allí á scena a conhecida fabula de Lafontaine—o Lobo e o Cordeiro.

De Lafontaine, ou de Lafayette, não sabemos bem,—pois ambos foram fabulistas insigues, nos passados tempos.

O *Paiz* noticiou ha dias o anniversario natalicio do coronel Aureliano Faria, cognominando-o poderoso auxiliar da consolidação da Republica...

Que diabo faria esse Faria para consolidar-a? Foi com o chapéo do Chile? Com os saccos de cal assestados contra os presos politicos? Com as perseguições ás familias, victimas da dictadura?

Faria faria bem se nos explicasse o embrulhado caso.

Já está terminada a *grève* dos cocheiros e conductores de bonds da Praia Grande.

Não foi grave a *grève*.

Tambem a grande questão entre os dous Julios, Ottoni e Brandão, originaria das velas de cebo, teve seu fim pacifico e trouxe calma á Exposição Industrial.

Ainda d'esta vez foi o promotor da paz o Sr. Manuel Victorino, o ramo de oliveira das graves contendas.

Que nenhum dos dous Julios não lhe borre a pintura, como lhe está fazendo o outro Julio, o Terrivel I, do Rio Grande do Sul.

A *Gazeta de Noticias*, em uma das suas ditas, affirma que uns gatunos foram presos por terem roubado de uma venda algumas garrafas de vinho do Porto.

Esses gatunos não deviam ser presos,—mas admirados. Se elles descobriam vinho do Porto em uma venda d'esta cidade!

É esta a opinião que emittem

*Os reporters,*

ESCENA & MONTRY.

## CHRONICA DO BORRALHO

Os homens fallam em carestia, dizem que está tudo pela hora da morte e com desprezo chamam ao orçamento do coronel Serzedello a *misericordia orçamentaria*.

Grande irreverencia. O coronel protestou e eu se não fosse gato leria os linguados de S. Ex. no *Jornal do Commercio*. Não leio, mas ouço as conversas, cá do meu canto.

Garante o illustre Sr. Serzedello que dous ou tres annos desta politica, assegurada a ordem, a confiança renascerá, e « teremos cambio a 18 e a 20. »

Não será para os meus dias. Como é breve a vida dos gatos! Porque a *ordem* eu sei que será assegurada, pelo menos na bandeira-nacional, ao lado daquelle *progreço*, por mais que os dous *hurjent de se trouver ensemble*. Porém com mais tres annos desta politica!

Não escapo. Tivesse eu o folego de sete gatos juntos. Os sete annos do regimen novo consummiram-me, estou no meu ultimo folego.

\* \* \*

Mas que importa o orçamento? ha de perguntar-me algum desoccupado.

Tu não vestes, tu não calças, tu não moras; que te importa a carestia dos generos?

Egoismo dos homens. Hontem vi o patrão indignado porque pediram lhe por um melão 200\$000. Melão enche barriga?

Concerta-se tudo. Que as fructas apodreçam nas confeitarias e immediatamente ficarão baratas. Menos gula e mais paciencia.

Não é, meu Serzedello?

Eu é que sei com que linhas me caso. Não ando pelos hoteis, é verdade, mas os ratos que apanho, coitadinhos! parecem-me uma luva secca, atirada n'uma escada de baile.

A culpa não é dos ratos, é dos homens. E também é dos ratos, porque alguns estiveram durante as sessões nos buracos da cadeira velha e pensaram que o mundo se acabava e comeram tudo e agora andam na espinha.

Que irrisão: os ratos do orçamento magros! E no fim de toda essa mixórdia passamos todos vida de cão.

Já nem ouço fallar mais no Nilo e nem no Zé Carlos e nem no Fileto Pires. Como vai triste o Rio de Janeiro! Nunca vi um começo de anno tão insipido!

Não fosse a intendência e isto era mais lugubre que o santo sepulchro.

\*  
\*\*

A intendência é quem sustenta a nota. O theatro municipal ainda não se abriu, mas dia não ha em que feche a bocca o Sr. Julio do Carmo. Com razão, aquelle prefeito só a pau.

Cahiram-lhe agora todos em cima. Vai bem a cousa. Com o devido respeito á instituição, enquanto não se inaugura o theatro, bem se póde dar uma tourada, pois do modo porque vão as coisas mais dia, menos dia, ouve-se o grito:—*á unha, á unha!*

\*  
\*\*

Livra para o cargo! Melhor é defender Nictheroy. Já cem contos de reis estão votados para as estatuas dos defensores de lá. Diz a noticia que foram elles o marechal Floriano, general Fonseca Ramos e outros.

Ora ali está — e outros. Quantos? Quem sabe lá! Foram tantos! Vai ser como em photographia: apparece todo o povo que esteve presente. Boa lembrança.

Nictheroy terá população d'essa vez e população pacifica, de pedra ou de bronze, que não come da thesouraria, nem grita no meio da rua; gente quieta. Aproveita, minha gente!

Seja como, fôr o Estado do Rio paga sua divida de honra; e nós?

— Quando levantaremos as estatuas do Marechal, do Valladão e do Soromenho, os tres braços da Legalidade?

GATO PRETO.

## JOÃO DE DEUS

Mais uma notavel individualidade desapareceu de entre os vivos, cobrindo de lucto as letras portuguezas, que de ha tempos a esta parte têm soffrido os mais profundos e repetidos golpes.

O mimoso poeta das *Flores do Campo* e benemerito auctor da *Cartilha Maternal*, teve ainda assim a rara fortuna de assistir em vida á sua propria apothese, n'uma manifestação commovente e retumbante, em que tomou parte toda a sociedade portugueza—desde o rei até o mais humilde burguez. O grande glorioso, a quem um seu par na litteratura denominou o primeiro *tyrico do mundo*, não morreu, no entanto: a sua obra ingente, imperecível, doou-lhe a immortalidade.

A difficuldade de encontrar um bom retrato do illustre morto priva o *D. Quixote* de render-lhe o devido preito, re-produzindo-o em suas paginas.

## Manifesto-nephelibata

Oh! musa, alegra-te,  
Pula contente  
Que, finalmente,  
Elles ahi estão!  
Fortes, intrepidos,  
Bons patriotas,  
De espora e botas  
Combater vão.

Por Santa Barbara,  
Que manifesto!  
Que bello texto!  
Que fallação!  
E o iniquo publico  
Os olhos alça  
E dá-lhe falsa  
Interpretação.

O povo célere,  
De alma insoffrida,  
Senté outra vida  
No coração.  
Descobre em jubilo  
(Grato segredo!)  
Que alli ha dedo  
De cameleão.

Figura celebre,  
Nobre comparsa,  
Mal se disfarça  
Na oração.  
Fôra a arrogancia!  
Fôra a bravata.  
Franqueza mata...  
—E' sim e é não.

\*  
\*\*

Mas de repente, erguendo a voz insana,  
Uma figura  
De grande altura

Assim grita ao Brasil embasbacado:  
Não sou banana!  
Servo sou muito humilde e devotado  
Da Minha Augusta Soberana.

Não admitto jamais que a meu respeito  
Qualquer sujeito,  
Sem mais aquella,  
Diga aquillo que fôr do seu agrado.

Não sou banana.  
Servo sou muito humilde e devotado  
Da Minha Augusta Soberana.

Cargo algum da Republica me serve,  
Já na cabeça  
Meu sangue ferve!

Servir a uma Republica como essa!  
Nem eleitor serei, gente profana,  
Nem siquer serei misero jurado.  
Servo sou muito humilde e dedicado  
Da Minha Augusta Soberana.

Pois meu amigo,  
Se has de servir com tal imperatriz  
Nunca mais, nunca mais contam contigo  
Os Brasis.

Porque já disse um dia da tribuna  
Da igreja um dos mais celebres doutores:  
— «Mal haja quem de impafia a vela infuna!  
Deus não quer roneadores!

Melhor é não dar cavaco,  
Pela bocca morre o peixe  
No torto anzol dos calmos pescadores.  
Nunca haverá quem se queixe  
Por ter a viola no sacco...  
Deus não quer roneadores.

GIL.

Assim pois, muita attenção: aos assignantes retardatarios, que não hajam reformado suas respectivas assignaturas até o fim do corrente mez, vai ser suspensa a remessa do *D. Quixote*—e o que será um descalabro para os nossos caros amigos.

## THEATROS

— ???  
— !!!

..... TONY.

## A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA, n. 3, 15º anno, publicação da Bibliotheca da Marinha. Traz uma interessante noticia sobre o submarino Goubet 2º.

A EXPOSIÇÃO ARTISTICA INDUSTRIAL, do Lyceu Benjamin Constant, do Estado do Pará. Importante volume, nitidamente impresso, no qual se encontra noticia sobre os expositores e detalhado estudo da brilhante exposição effectuada o anno passado n'aquelle adiantado Estado da União.

A TOUTINEGRA DO MOINHO, (continuação) romance de Emilio Richebourg, Tomo 8º, pertencente á nova collecção popular.

NOTICIA sobre a Companhia Industrial de Stearina, e os seus productos expostos na Escola de S. José.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL de 1895, NO RIO DE JANEIRO. D'esta publicação, que forçosamente será tão interessante quanto útil, recebemos o 1º fasciculo. Trata-se de uma desenvolvida noticia sobre a nossa actual Exposição da Industria Nacional, sua inauguração, seu aspecto geral e importancia economica, analyse e apreciação dos principaes productos expostos, illustrada com photographias e zincographias. Redige-a o conhecido escriptor A. Lopes Cardoso, auxiliado por diversos collaboradores de não menor valia. O primeiro fasciculo abre com um excellente retrato do Dr. Manuel Victorino, traz um artigo de introdução, de L. Cardoso, outro do Dr. Eunapio Deiró, e noticias sobre objectos expostos; a impressão, da casa Mont'Alverne, é elegante, nitida e apropriada ao assumpto a que se destina.

O CENACULO, a brilhante revista paranaense, 9º fasciculo do 1º anno. Destaca-se na sua summula o *Benedicto Buzina*, apreciavel conto de Julio Pernetta.

REVISTA BRASILEIRA, 26º fasciculo do 2º anno, correspondente a 15 do corrente. Segue esta publicação a sua carreira gloriosa, impulsionada pela competencia indiscutível e provada illustração do Sr. José Verissimo. No presente numero, entre outros brilhantes artigos, evidencia-se um, de fino quilate litterario, acerca de Raul Pompeia, e assignado pelo Dr. Rodrigo Octavio.

Ao PUBLICO, acção decendiaria, do fóro de S. Paulo; exposição em que se mostra (affirma o frontespicio) a improcedencia da acção intentada por alguns portadores de bilhetes da loteria do Ypiranga, para haverem o pagamento do seu valor — e tudo isto pelo Sr. barão de Ramalho. Nada entendemos d'este caso; nem sequer compramos bilhetes d'essa, ou de qualquer loteria.

QUESTÃO sobre concorrencia desleal, em que são auctores os Srs. Ortigão, Santos & Comp. e réos os Srs. Cerqueira e Soares. Ao que parece, aquelles tinham por si a razão, desde que estes foram condemnados por um accordão do Tribunal Civil e Criminal.

A CIGARRA, n.º 37, que ainda uma vez — e ao que se diz, pela ultima — documenta o levantado espirito artistico de Julião Machado.

E explicamos: é que o fino humorista do lapis abandona a *Cigarra* e vai fundar um outro periodico do mesmo genero. Aqui ou alli, o Julião é sempre recebido na proporção do seu enorme talento.

Recebemos ainda:

MUSICAS: *Feitiço*, polka de Abdon Milanez; *Musidora*, walsa de Julio Reis; *Chrysalida*, walsa do mesmo compositor; *Gato Branco*, de Juca Storoni, — todas impressas nas excellentes officinas de J. Bevilacqua & Comp.; *Não me serve*, polka de Jayme de Moura, editada pela conhecida casa Buschmann & Guimarães.

FOLHINHAS, do gabinete cirurgico-dentário do Dr. A. Chavantes & M. Belfort.

CONVITES para as festas de hoje, do Club dos Fenianos, e do Club dos Democraticos, e as quaes deverão estar animadissimas a julgar dos preparativos feiços e do glorioso passado dos alegres foliões. São bailes á fantasia... e basta.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



*Dr. Francisco Colombo Leoni.  
Homenagem do D. Quixote*